

O SEMPRE RETORNO DOS ENUNCIADOS

Ercília Ana CAZARIN¹

ABSTRACT: We present an exercise in reading of the utterance “This national meeting of PSDB today here in Brasilia for the launch of the candidature of Governor José Serra (...) is being a different meeting of PSDB in all meanings (...) PSDB is becoming a popular party, a mass party, however an old assistant (...) joked: a mass party, but a nice smelling mass, the buses that brought the militancy are brand new (...)”, declared Eliane Cantanhêde to Video Ket of Folha online in the coverage of the PSDB convention on April 10, 2010. In the text, we treat of the entanglement of the notions of interdiscourse, discursive memory, discursive formation and position-subject. We conceive the discourse in its incompleteness and the interpretation as a gesture of production of meaning which sends to the memory of saying, but that is traversed by power relations of the bounds of the politician.

KEYWORDS: interdiscourse; discursive memory; discursive formation; subject-positio; power relations; production of meanings.

No texto analisamos a emergência de um enunciado proferido por Eliane Cantanhêde para o Vídeo Ket da *Folha online*, quando da cobertura da convenção do PSDB, no dia 10 de abril de 2010 - “Este encontro nacional do PSDB / hoje aqui em Brasília / para lançamento da candidatura do governador José Serra para a Presidência da República / está sendo um encontro diferente do PSDB / em todos os sentidos / para quem está acostumado com este tipo de reunião / todo mundo está estranhando / muita gente / muita bagunça / muita confusão / parece até que o PSDB está virando um partido popular / um partido de massa / mas um velho assessor / que conhece bem o PSDB brincou / um partido de massa / mas uma massa cheirosa / os ônibus que trouxeram a militância são novinhos em folha / (...) juntar São Paulo e Minas numa eleição tensa e difícil como esta / é um trunfo enorme para essas eleições. Eliane Cantanhêde para *Vídeo Ket da Folha on line* aqui diretamente da convenção do PSDB em Brasília.²”. Embora saibamos que o tom da voz e os gestos da jornalista constituem-se como discursividade, neste texto, nos dedicamos a analisar apenas o texto escrito. Levamos em conta as condições de produção que lhe são próprias, as circunstâncias de enunciação, mas também e, em especial, o contexto sócio-histórico e ideológico. Nosso interesse é, através do funcionamento discursivo do referido enunciado, compreender não só a emergência de outros

¹ Doutora em Letras. Professora Colaboradora do Mestrado em Letras da UPF.

² Íntegra do texto: Este encontro nacional do PSDB / hoje aqui em Brasília / para lançamento da candidatura do governador José Serra para a Presidência da República / está sendo um encontro diferente do PSDB / em todos os sentidos / para quem está acostumado com este tipo de reunião / todo mundo está estranhando / muita gente / muita bagunça / muita confusão / parece até que o PSDB está virando um partido popular / um partido de massa / mas um velho assessor / que conhece bem o PSDB brincou / um partido de massa / mas uma massa cheirosa / os ônibus que trouxeram a militância são novinhos em folha / Mas o mais importante é que o grande personagem dessa convenção ou desse encontro / nem foi bem José Serra / foi o governador de Minas / ex governador de Minas / Aécio Neves / saudado aos gritos de vice/ vice/ vice/ e ele fez muito suspense / porque deixou para entrar na última hora / já ali alguns minutinhos depois do meio dia / quando todo mundo já se perguntava: cadê o Aécio? Cadê o Aécio? E no discurso dele que foi enfático a favor de Serra / e criticando o PT / Aécio deu a grande notícia que o PSDB e o próprio Serra esperavam. / Aécio disse que vai ficar ao lado de Serra para onde ele for convocado / ou seja / Aécio finalmente deu uma esperança ao PSDB e a Serra de que ele pode ser vice na chapa / juntar São Paulo e Minas numa eleição tensa e difícil como esta e um trunfo enorme para essas eleições. Eliane Cantanhêde para *Vídeo Ket da Folha on line* aqui diretamente da convenção do PSDB em Brasília .

enunciados, mas também o embate de forças políticas que se instaura através dessa interlocução, atestando a incompletude do discurso, entendido aqui como processo discursivo³.

Na análise, consideramos o enunciado em pauta como texto (texto 1), ressaltando que, embora o objeto de estudo da análise do discurso (AD) seja o discurso, chegamos a ele por meio de textos. Quando nos referimos ao texto, não estamos tratando de “apenas uma frase longa ou uma soma de frases. Ele é uma totalidade com sua qualidade particular, com natureza específica” (ORLANDI, 1999, p. 18). Enquanto analistas, precisamos remeter o(s) texto(s) a um discurso que, por sua vez, vai fazer referência a uma formação discursiva (FD), inscrita na complexidade do interdiscurso. Isso nos leva à concepção de texto como monumento no qual “se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras” (ORLANDI, op. cit., p. 64). Enfim, é o texto que se constitui como unidade de análise e nos possibilita chegar ao discurso. Mais precisamente, é através de uma dispersão de textos que chegamos ao discurso. Ao analisarmos um texto, não são apenas os elementos lingüísticos que interessam, pois o mesmo é afetado pela exterioridade que lhe é constitutiva e que, embora não transparente, se reflete na/pela materialidade da língua, materializada no texto. Segundo Orlandi,

O texto é texto porque significa. Então, para a análise do discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica. (...) Os textos são fatos de linguagem por excelência (op. cit. p. 69-70).

O texto em análise foi veiculado em vídeo⁴ e, de ora em diante, é denominado T1; o mesmo está sendo concebido como um texto de natureza midiática, fortemente atravessado pelo político. Ou seja, nele, o sujeito relator do evento enuncia atravessado pelas contradições históricas do campo do político e, enunciar implica também repetir, lembrar, silenciar, esquecer. Isso tem a ver com o interdiscurso que fornece elementos para a reconstituição/restabelecimento da memória discursiva que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada por uma posição-sujeito. Para tanto, partimos do pressuposto de que a memória discursiva, tomada como interdiscurso, funciona como saturada de sentidos, mas, paradoxalmente, ela também funciona de forma lacunar e seletiva porque, na sua mobilização, jogam ou atuam diferentes posições-sujeito, inscritas em uma ou mais formações discursivas.

Nossa inquietação, quando da emergência de T1, nos levou a uma afirmação de Orlandi (1999, p. 10) quando ela escreve: “não há como não interpretar, pois diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico se é levado a interpretar. Interpretamos também quando falamos / descrevemos”. É também essa autora que nos alerta para o fato de que o próprio analista “trabalha (n)os limites da interpretação, pois não está fora da história, do simbólico, da ideologia”. A AD é uma teoria que inclui o político em suas discussões porque, pelo funcionamento do discurso, investiga as várias formas de exercício das relações de força presentes em uma sociedade. Citando Mariani (1998, p. 26), enfatizamos que “os trabalhos em AD nunca se escondem atrás de uma pretensa neutralidade científica, pois representam

³ Segundo Pêcheux (1988, p. 161), um processo discursivo consiste “no sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada”. Um processo discursivo, portanto, não pode ser analisado apenas a partir de elementos lingüísticos, pois nele também contam a ideologia, a historicidade e o inconsciente, e a língua (os elementos lingüísticos) constitui a base comum de processos discursivos diferenciados.

⁴ Vídeo Ket da Folha Online – 10 de abril de 2010.

uma resistência a um modo de produção do conhecimento e a uma concepção da história”. Nesse sentido, registramos que a interpretação que fazemos, neste texto, não é neutra, pois somos sujeitos interpelados pela ideologia; por outro lado, temos presente que essa interpretação não pode ser qualquer uma, porque é necessário um discurso que a sustente. Vale lembrar o que nos ensina Pêcheux (1998, p.53), no sentido de que, como analistas, embora despojados, somos, ao mesmo tempo, responsável pela leitura que fazemos. Nas palavras desse autor:

o desafio é trabalhar as problemáticas e procedimentos internos à própria teoria, procurando construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no ‘qualquer coisa’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal (op.cit., 55).

Partimos do pressuposto de que um discurso, como afirma Pêcheux, é efeito de sentido entre interlocutores e de que esse efeito já é resultado de um gesto de interpretação. Tão logo assistimos ao vídeo em pauta (T1), produzimos sentido e, ao mesmo tempo, nos inquietamos com outros que poderiam advir a partir daquele texto. “Flagrar” um gesto de interpretação no momento em que ele se dá, poderia ser tomado como sendo o “olhar” do analista frente a um funcionamento discursivo, procurando entender o efeito de sentido no momento efêmero da enunciação.

Courtine (1981, p.53) salienta que “os ‘enunciados’ em cuja formação se constitui o saber próprio de uma FD existem no tempo longo de uma memória, ao passo que um evento discursivo inscreve-se no tempo curto da atualidade de uma enunciação. Como, então, produzir sentido a partir do dito pela jornalista? Sabemos que a língua permite o silêncio, o equívoco e que ela tem espaço para o possível, mas também para o impossível que lhe é próprio. E a partir disso, somos levados a pensar que Cantanhêde, do lugar social em que se inscreve, atravessada pela ideologia e pelo inconsciente, ao relatar o referido evento, teria produzido um equívoco, abrindo assim espaço a um jogo de forças materializado pelo discurso.

Se atentarmos para o fragmento “... um partido de massas, mas uma massa cheirosa...”, podemos compreender aí uma certa aproximação com o enunciado dividido, nos moldes que trabalhou Courtine (1981). Os enunciados divididos formam-se na tensão que liga processos discursivos inerentes a duas FDs antagônicas, materializando lingüisticamente essas contradições interdiscursivas, bem como as fronteiras entre esses domínios de saber. Para efeitos de nossa análise, as denominamos de *FD do PSDB* e *FD do PT*. Na primeira delas, inscreve-se a jornalista, relatora do evento e, na última, os textos de autores que se posicionaram contra o que fora enunciado.

O enunciado em questão poderia ser representado por “é X, mas Y” e “Y aponta para Z”. Observemos:

X > O PSDB é um partido de massa (FD do PSDB).

Y > O PSDB é um partido de massa cheirosa (FD DO PSDB).

Z > Existe uma massa que não é cheirosa (sentido produzido a partir do enunciado na FD DO PSDB) e, se existe uma massa que não é cheirosa, por conseguinte, existe uma massa que cheira mal (fede).

O que ocorre é que a jornalista não explicitou nem o Z, nem a consequência produzida por Z. No entanto, precisamos reconhecer que o *não-dito* significa – existe uma massa que não é cheirosa; existe uma massa que cheira mal. E esse *não-dito* significa porque nós ouvintes e/ou leitores, num gesto de interpretação, apreendemos o ponto de encontro do

lingüístico com o discursivo, ou seja, da estrutura com o acontecimento, produzindo, então, um efeito de sentido, marcado pela ideologia e pela historicidade.

Outra questão que nos interessa discutir é o efeito de sentido provocado pelo item lexical “massa”. Em AD, temos presente o escrito por Pêcheux (1988, p. 161) no sentido de que “[...] as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, pois, para compreendê-las não basta observar o contexto nos quais são atualizadas. Na perspectiva teórica da AD, é necessário mais do que isso – é preciso analisá-las a partir do processo discursivo em que ocorrem para compreender como funcionam e que efeitos de sentido produzem. No caso em análise, ainda levando em conta o enunciado dividido recém analisado, interessa observar que quando a jornalista refere-se à “massa”, estaria referindo-se apenas a uma parcela da população, a um partitivo da “massa” – uma parte da “massa” diferente daquela que “não seria cheirosa”. É por isso que em AD entendemos que o referente se constrói no e pelo discurso. Num primeiro momento, sabendo que não existe sinonímia perfeita, seria interessante reconhecer que não é ao povoação que a jornalista se refere – se entendêssemos “massa” como sinônimo de “povo”, ainda assim o sentido deslizaria, pois também aqui seria um partitivo, uma parcela do povo – a parcela da “massa cheirosa”, se parafraseássemos Rancière (1996, p. 21), poderíamos dizer que seria a parcela com parcela, a que anda em “ônibus novinhos em folha”, ao passo que a “massa não cheirosa” seria, agora sim no dizer do autor, “a parcela dos sem parcela”. E ele (op. cit.) acrescenta:

o que os “clássicos” nos ensinam é que a política não se ocupa dos vínculos entre os indivíduos, nem das relações entre os indivíduos e a comunidade; a política é da alçada de uma contagem das “partes” da comunidade, contagem que é sempre uma falsa contagem (op. cit., p.22).

Essa *falsa contagem* seria, na verdade, a exclusão daqueles que não são contados como partes – os excluídos, denominados, pelo autor, como os sem-parcela e, nesta análise, os que cheiram mal.

Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos produzidos em determinadas condições e “os sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que é dito, e com o que poderia ser dito, mas não foi” (ORLANDI, 1999, p. 30). Nesse processo de produção de sentidos, cruzam-se o interdiscurso, as formações discursivas e as posições de sujeito. Quando nos reportamos ao interdiscurso, salientamos que o mesmo fornece elementos para a reconstituição da memória discursiva, que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada pela posição-sujeito. Mobilização essa que funciona, tanto como gesto de interpretação, quanto como categoria de análise. Segundo Courtine,

é a partir do interdiscurso que poderão ser analisadas as modalidades do assujeitamento. Com efeito, o interdiscurso é o lugar no qual se constituem (...) os objetos (enunciados) que o sujeito enunciator se apropria para fazê-los objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, pelas quais o sujeito enunciator vai dar uma coerência a seu propósito... (1981, p. 35).

Pêcheux (1990, p. 56) nos ajuda a melhor compreender a relação discurso, interdiscurso e memória discursiva. Em “Estrutura ou Acontecimento”, ressalta: “não se trata de pretender aqui que todo o discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por

sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e desses trajetos...”.

Em relação à memória discursiva, Pêcheux (1999, p. 52), em “Papel da Memória”, do mesmo modo que Courtine (op. cit.), afirma que, para a AD, o que interessa não é a “memória individual”, mas aquela que entrecruza os sentidos da memória mística, da memória social, inscrita em práticas e da memória construída do historiador. É nesse sentido que entendemos a memória discursiva como sendo lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos – tudo está lá. Já uma FD é concebida como construto teórico, configurado pelo analista e que regula aquilo que pode e deve ser dito e, por conseguinte, aquilo que não pode ou não convém ser dito, ao passo que posições-sujeito são, por nós, entendidas como sendo de natureza heterogênea, constituindo-se como micro regiões de saber no interior da FD e marcando a maneira de relacionamento com o sujeito histórico da FD em que estão inscritas (CAZARIN, p. 129-130).

O discurso, na incompletude que lhe é própria, vai permitir não só um novo vir a ser, mas também a (re)significação de outros já-ditos “esquecidos” no interdiscurso. A incompletude joga tanto com o fato de que nem tudo se pode dizer na língua, como com o fato de que o discurso remonta a um passado e joga para o futuro. No caso em análise, esse novo vir a ser foi imediato. Tão logo o vídeo (T1) foi veiculado, em resposta a ele, foram realizados acréscimos ao mesmo e outro vídeo “PSDB de Serra e o cheiro do povo”, enviado por *tvamigospl* para www.youtube.com passou a ser veiculado (nesta análise, T2), não só preenchendo de sentido o não-dito do enunciado anteriormente referido, como trazendo à tona outros enunciados.

Eis T2 com as inserções em negrito: **“O partido de D. Judite, o PIG – Partido da Imprensa Golpista – mandou sua líder no lançamento de Serra.** Este encontro nacional do PSDB / hoje aqui em Brasília / para lançamento da candidatura do governador José Serra para a Presidência da República / está sendo um encontro diferente do PSDB / em todos os sentidos / para quem está acostumado com este tipo de reunião / todo mundo está estranhando / muita gente / muita bagunça / muita confusão / parece até que o PSDB está virando um partido popular / um partido de massa / mas um velho assessor / que conhece bem o PSDB brincou / um partido de massa / mas uma massa cheirosa / **PSDB Partido de massa “cheirosa” / O PSDB acha que o povo fede?** / os ônibus que trouxeram a militância são novinhos em folha / (...) / (...) juntar São Paulo e Minas numa eleição tensa e difícil como esta é um trunfo enorme para essas eleições. Eliane Cantanhêde para Vídeo Ket da *Folha on line* aqui diretamente da convenção do PSDB em Brasília. **PSDB Partido de massa “cheirosa” / O PSDB acha que o povo fede?”**

O destacado acima atesta a emergência de outros enunciados, produzindo, portanto, a possibilidade do múltiplo e materializando o embate entre as duas formações discursivas. Quando os autores deste novo vídeo referem-se ao Partido da Imprensa Golpista, o que lhes interessa é denunciar o fato de que a grande mídia – jornais, revistas e TV, em especial, a Globo - tem se inscrito na FD do PSDB, portanto favoráveis à candidatura de Serra, embora isso não seja explicitamente posto. Compreendemos, então, que nos textos em análise, entrecruzam-se discursos, atestando a heterogeneidade dos mesmos. São os sujeitos, através da leitura, que irão manter ou desestabilizar sentidos já dados - daí o efeito de inconsistência de todo e qualquer texto, pois o mesmo consiste em uma heterogeneidade provisoriamente estruturada. Em AD, a heterogeneidade discursiva liga-se estreitamente à noção de FD. E as FDs organizam-se em função das relações de força presentes na sociedade em um determinado momento, estabelecendo a inter-relação entre discurso, ideologia e interesses de classe.

Conforme Indursky (2001, p.27-42), ler é uma prática social que mobiliza o interdiscurso (a memória do dizer) e que conduz o leitor, enquanto sujeito histórico, a inscrever-se em uma disputa de interpretações. Ler, segundo a autora (op. cit.), é mergulhar em uma teia discursiva invisível construída de já-ditos para desestruturar o texto e (re)construí-lo, segundo os saberes da posição-sujeito em que se inscreve o sujeito-leitor.

Vale também a inserção do enunciado *PSDB Partido de massa “cheirosa” / O PSDB acha que o povo fede?* Aqui linguisticamente temos uma afirmação e uma interrogação, mas no funcionamento do discurso, é preciso entender que tanto uma quanto outra não produzem esse sentido. Senão vejamos, em *PSDB Partido de massa “cheirosa”*, o item lexical *cheirosa* entre aspas produz um sentido negativo para a massa do PSDB. Em todos os casos em que colocamos uma palavra entre aspas, as mesmas funcionam semanticamente e, no caso, em pauta indica ironia - a palavra diz o oposto do que se pretende. Portanto, na FD do PT, esse *cheirosa* poderia ser tomado como *não-cheirosa, preconceituosa...* Orlandi (1999, p.53) nos ensina que “A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” - tomar uma palavra por outra é uma relação de metáfora, “uma transferência e não um desvio” (ORLANDI, op. cit., p.79). Nesse caso, não se está tomando uma palavra por outra, mas as aspas produzem o efeito da outra palavra. Daí a concepção de que “não há uma essência do sentido – ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de formações discursivas” (ORLANDI, 2006, p. 18), isto é, com o interdiscurso que, por sua vez, determina a FD na qual o sujeito enunciativo se inscreve, ainda que disso não se dê conta.

Já “*O PSDB acha que o povo fede?*”, no nosso entendimento, mesmo se apresentando como uma interrogação, produz um efeito de sentido de acusação – *O PSDB acha que o povo fede*. O porquê, então, da interrogação? Seria apenas uma maneira de modalizar o texto, ou uma maneira de não se comprometer com o dito? Ou ainda, estaria afirmando sem afirmar - dizendo sem dizer? Nesse processo discursivo, entendemos, segundo Pêcheux (1988, p.161), que é “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funciona entre elementos lingüísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada”. Um processo discursivo, portanto, não pode ser analisado apenas a partir de elementos lingüísticos, pois nele também contam a ideologia, a historicidade e o inconsciente tanto do sujeito que enuncia quanto do ouvinte e/ou leitor. A língua (os elementos lingüísticos) constitui “a base comum de processos discursivos diferenciados”.

Na cena de interlocução desencadeada a partir do vídeo da *Folha on line*, vários textos, em diferentes modalidades, foram veiculados. Dentre outros, destacamos três fragmentos que também se contrapõem à forma de relato da jornalista:

A) - no domingo, 11 de abril de 2010, circulou um texto com o seguinte título: *Massas, cavalos e Eliane Cantanhêde* Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u719002.shtml>

Postado por Marcos Vinicius Gomes às 16h42min

B) Cantanhêde se empolga com seus ídolos demo-tucanos, e PSDB insinua que povo cheira mal. O Gal. Figueiredo disse que "preferia o cheiro de cavalo". Eta elite de nariz delicado...
Vejam: <http://www.youtube.com/watch?v=yuXgolrKWjA>

C) Eliane Cantanhêde ouviu ou criou a expressão “massas cheirosas”? Este blogueiro acha que é criação Escrito por João Bosquo | 20, abril 2010 - acesso em 22 de abril de 2010.

<http://joaobosquo.blog.br/?p=11804>

No enunciado A), que sentido produzir para “cavalos”? Ou então, por que “cavalos” emerge em um artigo que se contrapõe ao relato da jornalista? O autor desse enunciado, pela categoria da memória discursiva, recupera no interdiscurso algo enunciado em certa ocasião, por João Batista de Oliveira Figueiredo (1918-1999), último presidente do regime militar implantado em abril de 1964. Segundo consta, o então presidente, certa vez, teria dito que “preferia cheiro de cavalo ao cheiro do povo”. Neste enunciado de Figueiredo, também se pode produzir o sentido de que “o povo não cheira bem”. Sendo assim, poderíamos inscrever tanto Cantanhêde como Figueiredo em uma mesma formação discursiva, embora em posições-sujeitos distintas. Para uma palavra significar é preciso que já tenha produzido sentidos. Estes retornam, se (re)significam, materializando, pelo discurso, alianças, diferenças e confrontos entre FDs.

Já em relação ao enunciado B), é interessante notar que, embora seu autor tenha se protegido pela modalização do texto – ... PSDB insinua que o povo cheira mal... -, fica explicitada a relação de força que aí se estabelece “Eta elite de nariz delicado...”. O que emerge é o político, enquanto relações de força que se estabelecem entre classes sociais distintas. Quando nos referimos ao político, o fazemos numa dimensão mais ampla do que a política como uma área especializada do saber. Corten (1999, p. 37-52) distingue as noções de política, político e cena de representação do político. Segundo ele, a política é a área funcional especializada, na qual, através das instituições políticas, se realizam as atividades políticas; o político, apesar de seu sentido didático-teórico, permanece freqüentemente indefinido, mas, é uma representação que a Análise do Discurso tem condições de definir – “o político é representado pela cena das forças políticas construída pelo discurso”, ou seja, pela cena discursiva de interlocução.

O político, entendido como representação das forças políticas, tem como pressuposto o discurso, “lugar” da representação. Em AD, o discurso constitui a própria cena discursiva e o que interessa é justamente o político, e não a política enquanto atividade político-partidária. É por isso que, na esteira do pensamento de Corten, entendemos que a representação do político só é compreensível através da cena (construída pelo discurso) na qual os elementos que perpassam a sociedade são vistos como forças políticas. Assim, o político é a realidade dessas forças tais como elas se destacam de maneira mais ou menos precisa à vista de todos. Levando essas considerações em conta, nos permitimos escrever que o sujeito enunciador de B), ao enunciar, “Eta elite de nariz delicado...”, explicita o confronto entre as duas FDs. E aí há que ressaltar que também nesse enunciado o *não-dito* está presente e significa tanto ou, às vezes, mais do que o dito. Em AD, um mesmo enunciado pode produzir sentidos distintos ou, até mesmo, opostos, dependendo da formação discursiva em que está inscrito o sujeito enunciador, sujeito leitor ou ouvinte, pois o gesto interpretativo é marcado pela ideologia e pela história, constitutivas do discurso.

Por sua vez, o enunciado em C) não só coloca em dúvida o relato da jornalista, ou seja, o fato de que teria sido um velho assessor que teria brincado, dizendo “um partido de massa, mas uma massa cheirosa,...”, como explicita a opinião de seu sujeito enunciador. Estabelece, portanto, um questionamento, mas também um efeito de tentativa de desestabilização/desqualificação do discurso-outro, marcando o confronto entre posições-sujeito inscritas em FDs distintas.

Concluindo, lembramos Arendt (1983, p. 188-93), quando na obra “A condição humana”, escreve que na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim se apresentam ao mundo humano, através da cena pública que nunca é consensual, pois tem espaço para o dissenso. Lembramos também o que nos é muito caro em AD – o fato de que o olhar sobre o lingüístico na sua relação com a discursividade permite compreender o gesto interpretativo do sujeito, bem

como a produção de um determinado efeito de sentido. Quando se escreve que não há sentido sem interpretação e que esta é concebida como gesto, se está querendo enfatizar que a interpretação é social e historicamente determinada. É isso que nos permite escrever que ela sempre pode ser outra, os sentidos podem mudar, as sociedades podem ser outras...

REFERENCIAS

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1983.
- CAZARIN, E. A. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 2005.
- CORTEN, A. Discurso e representação do político. In: *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Freda Indursky e Maria C. Leandro Ferreira (Orgs.). Tradução de Ana Maria Lisboa de Mello e Maria Regina Borges-Osório. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 1999.
- COURTINE, J. J. Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages* (62), juin, 1981.
- INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Bornéo Susana (org). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001. p. 28-41.
- MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: *Introdução às ciências da linguagem - Discurso e Textualidade / Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução de Ana Maria Dischinger Marshall e Heloísa Monteiro Rosário. In *Cadernos de Tradução – Instituto de Letras – UFRGS*, nº 01, novembro / 1998.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e Discurso* (1975). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi...[et.al.].Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1988.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996.

FONTES

- Vídeo Ket da *Folha online*
WWW. Youtube.com. BR
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u719002.shtml>
<http://www.youtube.com/watch?v=yuXgolrKWjA>
<http://joaobosquo.blog.br/?p=11804>